

Morte de índio pataxó comove o País

Brasília (AJB e AE) — O corpo do índio pataxó Galdino Jesus dos Santos, 45 anos, seguirá hoje, em voo da Rio Sul, de Brasília para Ilhéus, às 10 horas, para a aldeia Caramuru Catarina Paraguaçu, onde a tribo decidirá se o sepultamento será ainda hoje. Galdino, um dos líderes dos há-hã-hães, morreu às 2 horas de ontem, 20 horas depois de ser levado para o Hospital Regional da Asa Norte (HRAN). Galdino foi vítima de um ataque de cinco rapazes da classe-média alta de Brasília, que atearam fogo em seu corpo, na madrugada de domingo, quando ele dormia num ponto de ônibus.

De acordo com o laudo divulgado pelo Instituto Médico-Legal (IML) do Distrito Federal, a morte do índio foi causada por insuficiência respiratória e renal aguda, falecimento de múltiplos órgãos e queimaduras de 2º grau externas. Por um acerto entre o pai de Galdino, Juvenal Rodrigues Pataxó, e a Funai (Fundação Nacional do Índio), o corpo será velado no Memorial dos Povos Indígenas e transportado para a aldeia Caramuru no voo das 10 horas de hoje da Rio Sul.

Juvenal e Jeferson Pataxó, primo de Galdino e um dos principais líderes indígenas do sul da Bahia, pediram para que o traslado do corpo fosse feito ontem mesmo. O vice-presidente Marcelo Maciel chegou até a oferecer um avião da FAB (Força Aérea Brasileira). Mas, depois de vários telefonemas entre os dirigentes da Funai, do Cimi (Conselho Indigenista Missionário) e os líderes indígenas, ficou acertado que o corpo de Galdino, acompanhado por três parentes, seria levado hoje em um avião de carreira.

O corpo será transportado de avião até Ilhéus e, de lá, até a aldeia, de carro, com o auxílio da Polícia Rodoviária local. Os índios da Caramuru iniciaram ontem o toré, ritual de despedida do parente morto. Segundo Jeferson Pataxó, como o toré não tem um tempo de duração definido, só os índios que permaneceram na aldeia é que decidirão o momento em que o enterro será realizado. Para resistir à viagem e ao velório, o corpo foi submetido a tratamento químico à base de formol.

O laudo do IML não informou o tipo da substância utilizada pelos criminosos para atear fogo em Galdino. Se-

gundo a médica Maria Célia Britto, chefe da equipe de plantão que prestou socorro ao índio e especialista em queimados, Galdino foi queimado com tinner, uma substância utilizada para remover tintas de paredes, móveis, entre outras substâncias.

Canadá

O assassinato do índio pataxó poderia provocar contratempos para o presidente Fernando Henrique Cardoso em sua visita ao Canadá. Entidades de defesa dos direitos humanos estudavam a possibilidade de fazer algum tipo de manifestação ou, pelo menos, fazer chegar ao presidente uma carta de repúdio ao que ocorreu em Brasília, em que um índio foi incinerado pelos jovens.

Ontem pela manhã, antes de embarcar, Fernando Henrique pediu ao ministro interino da Justiça, Milton Seligman, que acompanhe pessoalmente o inquérito que apura a morte do índio Galdino Jesus dos Santos. "Onde nós estamos?", disse, irritado, Fernando Henrique, segundo relato de Seligman.

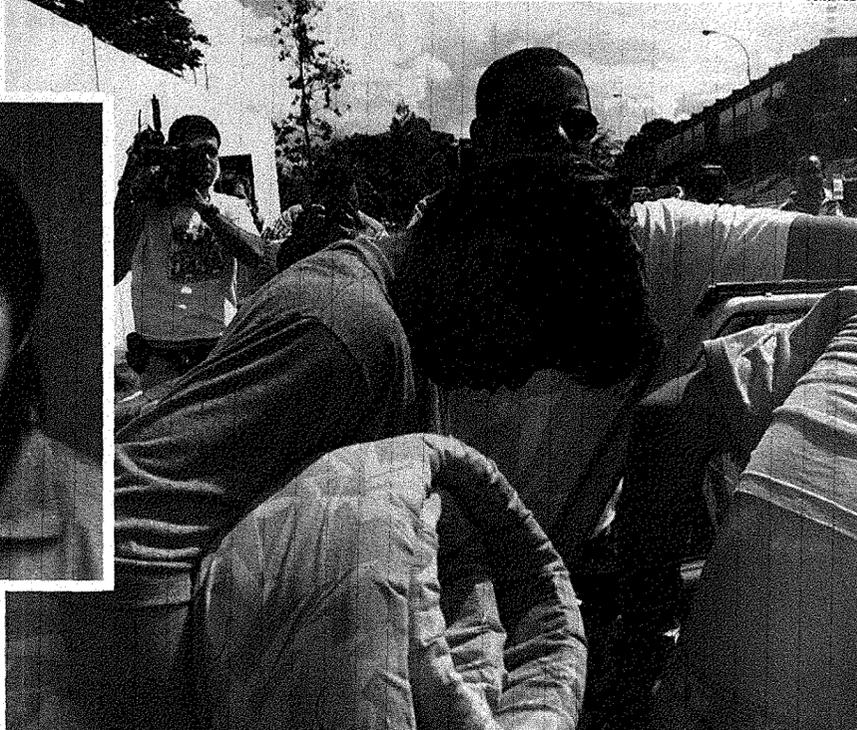
A morte do índio pataxó é mais um fato negativo que Fernando Henrique levou em sua bagagem para o Canadá. Além deste caso, a repercussão da violência praticada por policiais militares em Diadema (SP) e Cidade de Deus (RJ) está causando indignação no exterior. "Infelizmente isso afeta a imagem do Brasil lá fora", reconhece uma fonte do governo.

Impunidade

Único promotor de Justiça, que conseguiu mandar para a prisão jovens da classe média do Distrito Federal condenados por assassinato, Francisco Leite reconheceu ontem que a legislação em vigor favorece a impunidade da chamada "elite" da sociedade. Segundo ele, o "azar" dos cinco rapazes que atearam fogo e mataram o índio pataxó há-hã-hãe Galdino Jesus dos Santos é que existe um agravante jurídico e social no episódio, por se tratar de um indivíduo tutelado pelo Estado. "A sociedade vai ser mais exigente na cobrança da Justiça", previu. O promotor, há oito anos na função, disse que ficou chocado com a crueldade do crime.



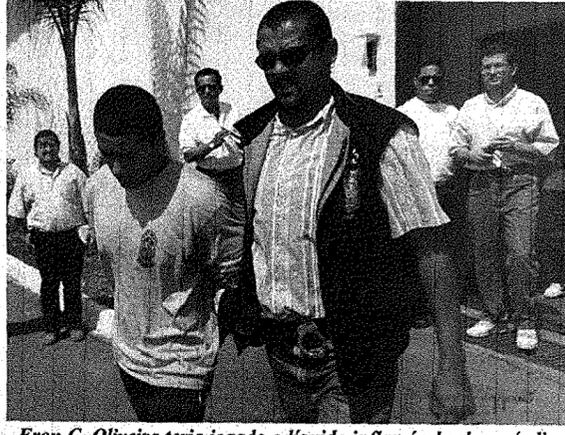
O índio pataxó Galdino Jesus dos Santos fazia parte do conselho da aldeia e estava em Brasília reivindicando a demarcação das terras da tribo



Com a cabeça baixa, Antônio Novely Vilanova é levado por policiais segurando um colchonete



Max Rogério Alves é escoltado escondendo o rosto com a camisa



Eron C. Oliveira teria jogado o líquido inflamável sobre o índio



A índia Minervina Jesus dos Santos, mãe de Galdino, é consolada pelo filho caçula

Aldeia Caramuru em pé de guerra

Pau Brasil (do enviado especial, Levi Vasconcelos) — A morte do índio Galdino Jesus dos Santos, 48 anos, comoveu o País pela forma como ocorreu, mas a comoção maior foi na aldeia Caramuru, em Pau Brasil, onde ele morava. A tribo dormiu apreensiva. Na manhã de ontem, logo cedo, a notícia chegou pela televisão e o choro se generalizou entre os pataxós. "Por que sofro desse jeito? Não sei por quê. Só Deus sabe", lamentava D. Minervina Jesus dos Santos, mãe de Galdino. "Com o João, foi como foi. Agora é Galdino..."

O João a que D. Minervina se refere é João Cravinho, também filho dela, irmão de Galdino, que em 88 era cacique, quando foi assassinado a golpes de facão próximo da aldeia, supostamente a mando de fazendeiros. "Sou mãe de 20 filhos, perdi 10, criei 10, sete mulheres e três homens. Dos homens só me restou esse". Disse ela abraçando o filho caçula, Waldir, de 22 anos. "A gente é um povo que só vive (sic) machucado".

Galdino era conselheiro da tribo que tem como cacique o sobrinho dele, Ninho. Deixou uma filha, Ivanilsa, de 13 anos, e considerava como filhos os outros três do pri-

meiro casamento da sua segunda mulher, Genilsa: "Ele nos tratava muito bem", disse ela em prantos, acompanhada nas lágrimas pelos filhos Adevaldo, 20 anos; Luciene, 13 anos; e Cleide, 12 anos. "Se despediu de mim na quarta-feira dizendo para eu tomar conta do Adevaldo", completou.

Conflitos

No primeiro momento, a notícia deixou os pataxós perplexos. Galdino integrava uma comissão que foi a Brasília com três missões específicas: participar da festa do Dia do Índio, prestar solidariedade aos sem-terra, "que são como nós", como diz o cacique Ninho, e reivindicar à Funai a ampliação da área que eles ocupam hoje. Saiu quarta-feira, dormiu em Itabuna e embarcou para Brasília às 9 horas de quinta-feira. Foi seu último contato com os que ficaram.

"Ele saiu daqui alegre dizendo que ia pedir a ampliação das terras e ia conseguir. Me disse que ia morar lá", afirma Ninho. É uma covardia o que fizeram com meu filho, Ninho. Deixou uma filha, Ivanilsa, de 13 anos, e considerava como filhos os outros três do pri-

meio mesmo jeito, mas fizeram com o índio. Esperamos que esse País tenha lei, porque parece que não tem", bradava o ex-cacique Saracura, da Aldeia da Coroa Vermelha. A quase totalidade das aldeias não tem energia elétrica (só Caramuru, Águas Belas e Coroa Vermelha possuem), telefone, e por isso a comunicação entre os índios praticamente não aconteceu. Eles falam entre si através do rádio da Funai, mas como ontem foi feriado, só ficaram sabendo do episódio das aldeias que têm televisão.

"É mais um exemplo que temos para mostrar quando sofre o povo índio. Galdino era um sujeito quieto, calmo, nunca buliu com ninguém, um companheiro respeitado. Ele não merecia isso", afirmou o presidente do Conselho de Caciques das 12 aldeias pataxós do extremo sul. Nengo, que foi um dos primeiros a chegar a Caramuru ontem para se informar da situação. Em princípio, os caciques cancelaram os compromissos que tinham agendado para a semana, até ver como as coisas vão ficar. Eles entraram na Justiça contra os acusados do assassinato de Galdino através do Conselho Indigenista Missionário (Cimi) e da Funai.

"Garotada" tem bom tratamento

A Polícia do Distrito Federal deu um tratamento especial para os quatro rapazes acusados de matar o índio Galdino Jesus dos Santos, queimando-o vivo enquanto ele dormia, na madrugada do último domingo. Os acusados passaram a noite em uma sala da Coordenação de Polícia Especializada (CPE), da Polícia Civil, para garantir sua segurança, foram transferidos no início da tarde de ontem para o Núcleo de Custódia da Penitenciária da Papuda, no Distrito Federal. "Temos que dar segurança para essa garotada", explicou o delegado Teodoro Rodrigues, diretor-geral da Polícia Civil do DF.

Na CPE, onde existem apenas 140 vagas, estão 310 presos. "Tem criminoso ali dentro que adoraria pegar um garoto desses e trucidar", explicou Rodrigues. "Esses garotos são primários, sem antecedentes" e "têm residência fixa", lembrou. "Eles não podem pagar por serem filhos de algum

fulano", disse.

Os quatro rapazes passaram a noite em uma sala utilizada para o reconhecimento de presos e para onde são mandadas as presas que vão para a CPE.

Também receberam o café da manhã normal dos detentos (café com leite e pão com manteiga), passaram a manhã conversando e só receberam a visita do advogado Rômulo Pereira Corrêa. O delegado Silvério Antônio Moita de Andrade, diretor da divisão de administração da CPE, contou que a ideia inicial era colocar os rapazes em celas comuns, mas desistiu em função da recepção dada pelos outros detentos. "Olha aí os filhinhos de juiz, botem eles aqui na cela com a gente", gritaram os presos.

Os presos se referiam principalmente a Antônio Novely Vilanova, de 19 anos, filho do juiz federal da 7ª Vara Federal do Distrito Federal, Novely Vilanova da Silva Reis.

Aventura

Os jovens que imolaram o índio agiram pelo prazer de uma aventura e movidos pelo desejo, sem levar em consideração os valores mínimos da condição humana. Esta avaliação é da psicóloga Graça Piza, diretora da Clínica de Violência, no bairro carioca de Ipanema, instituição especializada em tratar pessoas vítimas de crueldades. Indignada com a atitude dos cinco jovens que atearam fogo no pataxó, Graça Piza escreveu um artigo onde mostra toda a sua revolta. Segundo sua avaliação, os jovens em questão guardam em si uma crueldade sem limites e agiram movidos, unicamente, pelo prazer de uma aventura irresponsável. "Transgredir a lei dá prazer para aqueles que impõem a morte para o semelhante, como as gangues de rua, por exemplo. Só que desta vez os autores da barbárie foram apanhados", destacou.



A viúva Genilsa chora a morte de Galdino, sem entender o motivo de tanta crueldade